

O PRIMEIRO AMOR

“Conheço a tua conduta, a tua fadiga e a tua perseverança. (...) És perseverante, pois sofreste por causa do meu nome, mas não esmoreceste. Devo reprovar-te, contudo, por teres abandonado o teu primeiro amor. Recorda-te, pois, de onde caíste, converte-te e retoma a conduta de outrora.” (Ap 2, 2-5)

A nossa conduta, fadiga e perseverança

Mês de novembro, mês da santidade, mês de contemplação mais atenta e assídua da finalidade da nossa breve passagem aqui pela Terra. Não deixemos este mês passar em vão, pois a contemplação do nosso fim último, do destino glorioso a que somos chamados, vai permitir-nos ajustar o presente à vontade de Deus.

“Conheço a tua conduta, a tua fadiga e a tua perseverança”, diz o Senhor no Apocalipse, neste livro que se debruça precisamente sobre o fim e a glória. Andamos todos muito afadigados, certamente com coisas muito boas, como a Igreja de Éfeso a quem o Espírito fala. É o trabalho, são os filhos e as suas múltiplas necessidades, é o cuidado com os pais, são os vários apostolados na paróquia. A nossa conduta é irrepreensível, a nossa fadiga e a nossa perseverança são de louvar. Damo-nos todos, e damos o nosso melhor nas causas em que acreditamos. Mas ainda assim, o Senhor repreende-nos, como repreendeu a Igreja de Éfeso. O que nos falta então?

O primeiro amor

“Devo reprovar-te, contudo, por teres abandonado o teu primeiro amor.” Estas linhas foram escritas por S. João, o apóstolo do amor, aquele que reclinou a cabeça sobre o peito de Jesus (Jo 13, 25) e a quem Jesus confiou os seus mais íntimos segredos, que definiu Deus como apenas “amor” (1Jo 4, 8) e que escreveu uma carta inteira à volta desta mesma definição. A Igreja de Éfeso fazia tudo o que devia fazer, mas sem fogo e sem paixão. Fazia-o rotineiramente, talvez por obrigação, talvez por vaidade, mas sem amor.

Quem é o nosso primeiro amor? Será que a nossa vida se centra verdadeiramente em Deus? Será que reclinamos a cabeça sobre o peito de Jesus e nos deixamos amar, e O amamos também apaixonadamente? Ou afadigamo-nos a amarmo-nos a nós mesmos, olhando vaidosamente para as nossas realizações, os nossos empreendimentos, a grandeza das coisas que fazemos “por Ele”? Quando Deus está no centro, tudo o resto se equilibra. O cristão não centra a sua vida no seu trabalho, no seu bem-estar pessoal, e nem sequer nos filhos, pois se o faz, sai da órbita divina. Observemos então atentamente a nossa conduta, as nossas fadigas e a nossa perseverança (ou será teimosia?), para termos a certeza de que não giram à nossa volta, à volta dos filhos, ou à volta de qualquer outra coisa, mas sim à volta do único e verdadeiro Sol do cristão, Jesus!

Será este primeiro amor a dar sentido a todos os nossos “amores”, porque não há um amor maior e um amor menor, mas apenas o amor, que é Deus. Amando a Deus com amor apaixonado, iremos amar cada irmão, da forma que Deus deseja que amemos. Para nós, chamados à vocação matrimonial, o amor a Deus concretiza-se em primeiro lugar na família que construímos em seu Nome.

Queremos amar Jesus apaixonadamente? Amemos o nosso cônjuge apaixonadamente. Se não tivermos tempo para ele, se não lhe dedicarmos a melhor parte do nosso dia, se não reservarmos para ele os nossos beijos mais ternos, estamos a recusar a Jesus o amor apaixonado que Ele merece. É no nosso esposo que encontramos o Esposo divino! Por outro lado, tal como Jesus nos lembra da nossa frieza e da necessidade de “retomarmos a conduta de outrora”, sejamos firmes quando for necessário ajudar o nosso cônjuge a amar, a trabalhar a nosso lado pelo triunfo do nosso matrimónio. Nenhum de nós está destinado a encolher os ombros e “deixar andar”, pois Deus também não faz isso connosco. As únicas discussões que valem a pena encetar são as que nascem da luta por um casamento mais feliz e realizado. Não tenhamos medo de lutar!

Nos últimos tempos, o Niall e eu temos conversado muito sobre o legado que deixamos aos nossos filhos. Depois da nossa humilde festa de *Holywins*, numa tarde de chuva intensa, pipocas e muitas brincadeiras, quando os mais novos já dormiam e nós nos aconchegávamos no sofá, chegámos a algumas conclusões. Na educação que lhes temos dado, cometemos erros e tivemos sucessos, desde formas de fazer o desmame, à aprendizagem do sono ou à decisão sobre a melhor escola a frequentar. Mas a sua felicidade como adultos não vai depender essencialmente destes erros ou sucessos (graças a Deus, não somos assim tão importantes!), isto é, da nossa “conduta, fadiga e perseverança”. Muito mais marcante é a forma como nos relacionamos enquanto marido e mulher, a união e o enamoramento que testemunhamos diante deles; e a forma como os acolhemos neste abraço conjugal, traduzindo amor em tempo, brincadeiras, conversas, risos e carinhos. É deste primeiro amor que vão brotar frutos de segurança, confiança, fortaleza e resiliência.

Recorda-te, pois, de onde caíste, converte-te e retoma a conduta de outrora

Mês da santidade, mês das coisas importantes, mês dos “Novíssimos”; mês para nos recordarmos daquele primeiro amor diante do sacrário... E daquele primeiro amor feito de beijos apaixonados, que nos impedia de concentrar no trabalho porque mal podíamos esperar pelo reencontro... E daquele primeiro amor que explodiu por todos os nossos poros no instante em que nos depositaram no colo cada um dos nossos bebés... Não deixemos que a nossa vida se transforme numa empresa de organização de eventos. Não atulhem os nossos dias e as nossas cabeças de preocupações e perfeccionismos vaidosos. Primeiro, e no centro, não ponhamos a fadiga, mas o amor. Que os santos, todos os santos, nos ensinem a arte de bem amar! *Ámen.*